

O PAPEL DO FÓRUM SOCIAL UFPEL NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA: UM OLHAR SOBRE O PAPEL SOCIAL DO DOCUMENTÁRIO “O FÓRUM NÃO PODE PARAR”

LUISA DA ROSA OLIVEIRA¹; ANA CAROLINA OLIVEIRA NOGUEIRA²; ELIANA SILVEIRA DA COSTA³; RAQUEL SILVEIRA RITA DIAS⁴.

¹Universidade Federal de Pelotas – lotiih20@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaconogueira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – silveira.eliana@ymail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rakssilveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo MANZINI-COVRE (1993), a prática da cidadania implica na participação e na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. Portanto, vai além de um status jurídico, englobando o compromisso ético, social e o bem comum, através de um olhar holístico, transcende os direitos e deveres legais, abrangendo o papel do ser humano como agente ativo na construção e transformação da sociedade. Isso leva o indivíduo a uma postura ética e consciente de responsabilidade social, onde regulariza sua interdependência com o outro e com o meio em que vive. O cidadão, assim, atua de forma integrada, contribuindo para o bem comum, participando de decisões coletivas e buscando promover a justiça, a equidade e a sustentabilidade. Nesse contexto, a cidadania é entendida como um processo contínuo de engajamento e compromisso com o desenvolvimento social, cultural, econômico e ambiental, onde homens e mulheres se registram como parte vital de um todo maior.

A universidade exerce um papel fundamental na interação com as comunidades que a circundam, especialmente através de projetos de extensão que estabelecem um diálogo constante entre o conhecimento acadêmico e as necessidades sociais. Conforme RODRIGUES et al. (2013), essa prática promove uma “aproximação e troca de conhecimentos e experiências entre professores, alunos e população, pela possibilidade de desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem, a partir de práticas cotidianas”, afirmando que essa relação ocorre “juntamente com o ensino e pesquisa, especialmente pelo fato de propiciar o confronto da teoria com o mundo real de necessidades e desejos”.

No contexto de Pelotas e região, a Universidade Federal (UFPEL), atua como um agente transformador para levar o conhecimento científico para fora de seus muros, promovendo um retorno imediato à sociedade. Isso ocorre por meio de ações práticas que impactam diretamente as condições de vida e o desenvolvimento das comunidades locais, sendo que, enquanto estudante do curso de Cinema e Audiovisual, em processo de formação acadêmica e vivenciando as práticas extensionistas como bolsista do Fórum Social da UFPEL, observo o seu impacto social e o trabalho centrado na capacidade de promover interação direta por meio de reuniões entre o saber acadêmico e as necessidades concretas das comunidades de Pelotas e região.

O FSU⁵ foi criado em 2016, para atuar como um espaço consultivo que orienta a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), com o objetivo de se aproximar da universidade e da comunidade civil organizada. Sua missão é acompanhar, avaliar e propor políticas de extensão, sempre com foco na

⁵Abreviação adotada aqui para Fórum Social da UFPEL

realidade social e no fortalecimento da relação entre a UFPEL e os movimentos sociais, promovendo a cidadania.

A ativista antirracista, professora e feminista Gloria Jean Walkins, mais conhecida por bell hooks, pseudônimo adotado em homenagem à sua bisavó, com grafia em letras minúsculas, respeitando a sua luta ideológica de romper as estilísticas acadêmicas, dando enfoque a relevância de suas palavras e não a escrita de seu nome (BENTES, 2019), afirma a importância de um olhar crítico que busca revelar as camadas de significado e as dinâmicas de poder nas representações visuais. Isso significa não aceitar passivamente o que é mostrado na tela, mas interrogar as motivações por trás das imagens e como elas influenciam a percepção pública e as relações de poder (hooks, 2019)⁶.

Pactuando com a ideia RIBEIRO (2017), aborda o olhar como um ato político, e reforça a importância de dar visibilidade às narrativas marginalizadas. Argumentando que para transformar uma realidade opressora, é essencial trazer à tona vozes e experiências que historicamente foram silenciadas, sendo a invisibilidade o perpetuamento da opressão, e a visibilidade uma ferramenta emancipatória e fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Segundo DAVIS (2016), traz a emancipação e expõe as lutas de classe profundamente conectadas às questões de raça e gênero. Para ela, a busca por justiça social deve incluir uma crítica ao capitalismo e a aspiração por um sistema mais igualitário, destacando que a emancipação dos trabalhadores, principalmente dos grupos marginalizados, é fundamental para criar uma sociedade justa, sendo indispensável a solidariedade entre diferentes movimentos sociais, culturais, raciais e de gênero, ressaltando que a transformação social só é possível por meio da união e do esforço coletivo, a fim de superar essas opressões históricas e sistêmicas.

KILOMBA (2020), reforça que enquanto sociedade carregamos um olhar sobre todos os assuntos que nos cercam. Ela defende em suas obras que as narrativas pessoais se entrelaçam com questões sociais e políticas, evidenciando o impacto do racismo e do colonialismo na construção da identidade. Reforçando que os documentários, assim como, outros gêneros fílmicos envolvem uma construção narrativa que é necessariamente influenciada por valores e ideologias, cabendo a nós enquanto futuros cineastas (e em uma visão mais abrangente, artistas, comunicadores e sociedade), utilizarmos linguagens que desafiam estereótipos, possibilitando que as vozes sejam ouvidas, promovendo a autoconsciência e destacando a importância da memória, da cura e da resistência na formação de uma subjetividade empoderada.

A proposta do documentário "O Fórum Não Pode Parar" desempenha um papel social importante ao retratar o FSU como um espaço de transformação social a partir da coletividade, especialmente no que diz respeito ao fortalecimento da cidadania, visando os processos de emancipação, empoderando as relações das comunidades entre si e unindo mais pessoas a iniciativas a participarem das discussões e decisões que afetam as suas vidas.

2. METODOLOGIA

A escrita deste trabalho está diretamente vinculado à criação do documentário "O Fórum Não Pode Parar", a ideia do filme surgiu nas reuniões de organização do FSU, com o objetivo de registrar a história do Fórum ao longo dos anos. A proposta documentária começou em setembro de 2024, paralelamente à

⁶Referência respeitando as particularidades da autora.

escrita, ambas com base em uma revisão literária qualitativa, buscando registros que documentam as atividades e resultados do FSU, em especial pelos processos de coletividade.

A produção está prevista para começar em outubro de 2024 e será guiada por um processo colaborativo que envolve a participação ativa das comunidades, bem como a captação de imagens a partir de vivências das mesmas. Após a finalização, o objetivo é de ter registros e relatos de: Estudantes bolsistas envolvidos no projeto; Coordenadores e ex coordenadores do FSU; Projetos parceiros; Líderes e membros das comunidades participantes das atividades do FSU.

A minha atuação enquanto bolsista do FSU, é a gestão de mídias sociais do projeto. A proposta de comunicação que busco desenvolver desde que me tornei membro do Fórum, se dá através de produtos visuais e audiovisuais que estabeleçam uma relação direta e engajamento para com essas comunidades. À medida que a proposta documentária ganha força, também cumpre a finalidade de fragmentar-se em produtos audiovisuais de apoio às mídias sociais do FSU, sendo pensados como material acessível e adaptado para as plataformas digitais, buscando o apoio de novas iniciativas junto a essas comunidades.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

As reuniões acontecem em locais de fácil acessibilidade para as comunidades, considerando a descentralização desses espaços como forma de inclusão, fomentando uma lógica que carinhosamente chamo de rede das coletividades. O Fórum atua como um espaço de reflexão e discussão coletiva, onde são identificadas as demandas que afetam as comunidades locais e ações são articuladas junto a projetos de extensão. Os estudantes a partir de suas vivências acadêmicas e do conhecimento específico de suas áreas de formação, levam iniciativas práticas a estas comunidades. Essas ações vão desde palestras, workshops, eventos de saúde, educação, esporte, lazer e intervenções diretas como a entrega e distribuição de máscaras e álcool em gel durante a pandemia de COVID-19, além de encaminhamentos para órgãos do setor público, reiterando o compromisso dos mesmos para com essas comunidades, proporcionando uma educação socialmente emancipatória. Todo esse saber construído de forma coletiva entre universidade e comunidades, é compartilhado por esses líderes comunitários em seus bairros, fomentando uma rede de associações e iniciativas que impactam positivamente a vida de diversas coletividades.

O documentário "O Fórum Não Pode Parar" não é apenas um registro passivo dessas comunidades, mas um agente ativo de transformação. Ele segue a linha de pensamento de Djamila Ribeiro (2017), ao retirar essas comunidades da invisibilidade e criar um espaço de reconhecimento, combatendo as estruturas de opressão. O filme propõe uma intervenção direta, oferecendo um espaço de diálogo e transformação. Para mim, esse processo reflete o poder do cinema documental como uma ferramenta que vai além da técnica, assumindo a responsabilidade de retratar diferentes realidades de forma ética e justa.

4. CONSIDERAÇÕES

O Fórum Social da UFPel me proporciona não apenas um amadurecimento profissional, mas também um questionamento ético profundo sobre o poder da imagem no cinema documental. Retratar as pessoas e suas comunidades exige

sensibilidade, respeito às suas histórias e uma compreensão das mais diversas implicações que pode gerar o resultado de uma construção de um filme documentário. Me conecta com as diferentes perspectivas sociais e éticas que carregam o potencial de impactar a relação entre comunidades e transformar as estruturas da sociedade.

Refletir sobre o FSU, e o papel social do cinema documentário, me confronta com os pilares do cinema brasileiro, da grade curricular do meu curso e das diferentes formas de pensar e fazer cinema. Busco trazer referências teóricas que assim como eu, são minorias e obtenho êxito ao trazer mulheres, principalmente negras, que pensam e discutem as estruturas da sociedade, porque essas discussões também são minhas. Eu vivo na pele, os reflexos das diferentes formas de opressão e invisibilidade. A questão a se pensar é: quem produz e quem escreve cinema? Quais classes compõem predominantemente o mercado audiovisual? Onde estão essas minorias? Como podemos diariamente romper essas estruturas? Deixo estes questionamentos como forma de reflexão e posso afirmar que o mesmo é fruto de um projeto de extensão que cumpre com o seu papel social, junto às comunidades exerce um papel transformador. Sendo esta a universidade transformadora!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTES, Sabrina. Uma Referência Política Arrebatadora de Amor e Cura: bell hooks é para todo mundo. **Revista Hydra: Revista Discente De História Da UNIFESP**, v. 6, n. 11, p. 359-367, 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo editorial, 2016.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. p.1-48.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima; COSTA, Carmen Lucia Neves do Amaral; PRATA, Michelle Santana; BATALHA, Taila Beatriz Silva; PASSOS NETO, Irazano de Figueiredo. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE, [S. I.]**, v. 1, n. 2, p. 141–148, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494>. Acesso em: 6 out. 2024.

SOUZA, Jessé. A Parte de Baixo da Sociedade Brasileira. **Interesse Nacional**, v. 14, p. 1, 2011.